

DIREITO

ALEI

É DEL

Duas advogadas.
Dois casos de sucesso.
Sofia Gomes da
Costa e Marta Graça
Rodrigues são sócias
das maiores
sociedades de
advogados em
Portugal e Espanha.

TEXTO DE FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

«**P**ara quê ser homem, se como mulher conseguiu ser bem sucedida?» A mensagem foi enviada há uns anos a Marta Graça Rodrigues por um dos seus maiores clientes, que ainda hoje a advogada acompanha. Marta tem 34 anos e foi promovida em outubro a sócia de capital da Garrigues, a maior sociedade de advogados espanhola, com mais de dois mil advogados e com escritório em Lisboa.

O mesmo feito já tinha sido alcançado por Sofia Gomes da Costa em 2005. Tinha a mesma idade de Marta e hoje, com 40 anos, é uma das cinco sócias da maior sociedade de advogados portuguesa – a PLMJ, fundada por José Miguel Júdice –, num escritório com 44 sócios homens. Porém, no total, são quase metade as mulheres advogadas da empresa (105), entre os 215 advogados. Distinguida no verão passado com o prémio European Law Women Award, em Londres, Sofia é especialista em direito imobiliário, uma área que diz ainda ser de homens, sobretudo na área de construção e obras públicas, onde «uma mulher é uma ave rara».

Os números das faculdades de Direito não enganam: são cada vez mais as raparigas que escolhem e terminam o curso de Direito e são igualmente as mais bem classificadas. Em 2010, as licenciaturas de Direito e de Ciências Sociais contabilizaram o maior número de mulheres licenciadas em Portugal: mais de 14 mil. A verdade é que a advocacia é cada vez mais um mundo de mulheres. Pelo menos nas estatísticas. Num contexto em que cada vez mais o número de advogados portugueses se multiplica – atualmente já são mais de 25 mil inscritos na Ordem dos Advogados –, mais de metade são mulheres. Os últimos registos apontam para 15 mil mulheres inscritas na Ordem. «Acho que cada vez vamos ter mais mulheres no poder», diz Sofia, a rir e em tom orgulhoso, depois de referir os exemplos das várias ministras e da primeira presidente da Assembleia da República.

Apesar deste cenário, as sociedades de advogados nomeiam um número muito irrisório de mulheres para cargos de chefia. «Não é discriminação, é uma questão ainda geracional», tenta explicar Sofia Gomes da Costa, que passou de sócia de indústria a sócia



Marta Graça Rodrigues é uma das sócias da Garrigues. Na mesa da direção sentam-se outras duas mulheres... e 12 homens.

AS

de capital da PLMJ, no ano passado. «A geração que hoje tem 20/30 anos vai mudar a ordem das coisas e vamos ter mais mulheres em cargos de chefia, é uma questão também demográfica. Lembro-me de que na faculdade éramos metade homens e metade mulheres, mas a maioria das mulheres acabou por desistir de uma carreira na advocacia.» Porém, Sofia garante que na PLMJ é indiferente ser-se mulher ou homem. «É preciso é haver um grande envolvimento dos advogados com o escritório e a verdade é que há muitas mulheres que não o querem ter.» Apesar da fraca expressão feminina em cargos de chefia, a PLMJ foi a primeira sociedade de advogados a nomear uma mulher como sócia, nos anos 1980, e conta com uma direção-geral de apoio profissional e comunicação e uma direção de informática dirigidas por mulheres.

A Garrigues – agora com a promoção de Marta Graça Rodrigues – tem 12 sócios, três dos quais mulheres. Mas Marta desdramatiza. «Há muitas mulheres que acabam por desistir para ter uma vida mais calma e uma carreira diferente. Até a mim me ocorreu isso, há cerca de um ano. Antes de saber que ia





DIREITO

ser promovida a sócia, comecei a achar que se calhar mais valia ter uma vida mais calma.» Logo no início da carreira, acabada de sair da faculdade, disputou a sua primeira operação de mercado de capitais – área em que veio a especializar-se – com um estagiário. Sublinha que é uma mulher de sorte, «na vida pessoal e profissional». A partir da operação foram semanas de diretas em cima, noites mal dormidas mas «cheias de pica». «O Diogo Leônidas Rocha, com quem hoje ainda trabalho aqui na Garrigues, achava que eu não ia aguentar tantas diretas por ser rapariga, mas percebeu que não era o caso.» E mesmo quando foi entrevistada como candidata a estagiária, foi Luís Nobre Guedes que a escolheu, já que Diogo Leônidas achou que «o facto de eu ser muito boa aluna poderia significar que seria pouco prática e muito teórica».

Sofia e Marta partilham este estatuto raro de sócias em escritórios de advogados, mas quando o dia de trabalho acaba, as suas vidas seguem caminhos opostos. Sofia nunca casou nem tem filhos. «Nos tempos livres adoro estar com o meu sobrinho, que tem 3 anos, com os meus pais e os meus amigos. E agora descobri uma paixão que é a equitação», diz a especialista em direito imobiliário. «Mas admito que ao longo da vida perdi alguns convívios sociais porque tive de me dedicar ao escritório.» Sofia nunca desliga o telemóvel. «mesmo em férias. Porque me custa não esclarecer o cliente que pode estar numa situação aflitiva». Não casou por opção mas garante que é compreensiva perante as mulheres do seu departamento que se têm ausentado para gozar a licença de maternidade. «É um momento muito importante e tento nem sequer ligar nem aborrecer com dúvidas», diz.

Segundo um estudo publicado em 2010 pela Ordem dos Advogados, a maioria das mulheres advogadas ausenta-se apenas por um mês para gozar a licença de maternidade. E a maioria delas não têm direito a subsídio de maternidade enquanto estão ausentes por serem profissionais liberais. Foi o que aconteceu com Marta Graça Rodrigues quando teve os filhos Leonor, de 2 anos, e João, de 8 meses. «Estive muito tempo em casa porque tive duas gravidezes muito complicadas, mas não desliguei, ia trabalhando de casa, já que temos meios tecnológicos muito bons», conta. «E quando os meus filhos nasceram, ao fim de um mês comecei a vir ao escritório.» Marta é casada com Luís Nascimento, responsável pelo segmento residencial da PT. Curiosamente, um dos clientes mais importantes da mulher. «No fundo, acabamos



Sofia Gomes da Costa é sócia da PLMJ, a primeira empresa de advogados portuguesa a oferecer sociedade a uma mulher, na década de 1980. Hoje são cinco – entre 44 homens.

por reportar às mesmas pessoas, apesar de nunca termos trabalhado juntos.» A advogada especialista em mercado de capitais garante que o marido «é um excelente suporte, está sempre disponível para me substituir e faz-lo na perfeição».

O dia de uma sócia de um grande escritório de advogados é tão louco como costuma ser retratado nos filmes. O de Marta começa todos os dias às oito da manhã. Veste a filha mais velha que segue para o colégio com o pai. Depois aproveita um tempinho de manhã com o filho, que fica em casa todo o dia com a empregada. O dia no escritório começa às dez da manhã, «um horário mais tardio para compensar as chegadas ao final do dia», por volta das nove da noite.

Marta e Sofia concordam numa coisa: as mulheres são mais práticas. «Uma mulher que seja mãe e tenha uma casa para gerir

tem uma organização que um homem não tem. E essa organização transmite-se no trabalho e na equipa», diz Marta, que chega mesmo a defender que «há coisas que não se pode exigir de um homem», e que «há uma exigência acrescida da sociedade para com as mulheres». Marta lembra uma noite em que trabalhava até tarde no escritório, nas Amoreiras, em Lisboa, e o marido lhe ligou a perguntar a que horas era suposto dar o remédio à filha mais velha. «Eram três da manhã e ele estava todo baralhado. Nunca me passaria pela cabeça ligar-lhe às três da manhã a perguntar-lhe isto porque eu saberia», diz. Apesar do turbilhão na vida de Marta, a advogada não põe de parte a possibilidade de ter um terceiro filho. «Ainda estou a negociar com o meu marido, mas acho que vou ganhar esta batalha», confidencia a rir. ●